6.° DA 3.ª SERIE. N.° 30. 28 ABRIL 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.° 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.° 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.° 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remet a um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 5 horas — Este numero sahe ás 7 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10.

A REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE Á IMPRENSA E AO PUBLICO.

Postoque a indispensavel *lei*, que tem de regular *a propriedade litteraria*, se não ache ainda promulgada, é todavia evidente — que a *propriedade litteraria* é um direito, que por interesse dos individuos e da Sociedade se-deve zelar, e defender. — Firme n'esta doutrina, que será sempre a de todos os homens honestos, justos, e instruidos, a *Redacção da Revista Universal Lisbonense*, que já por vezes, e nomeadamente a paginas 81 e 82 do 1.° volume, a-tem expendido, está decidida, não só a respeitar *sempre* nos outros o seu direito de escriptor, mas a fazer por todos os modos que — o dos seus collaboradores seja igualmente por todos respeitado.

Assim declara, formal e solemnemente: — 1.° Que todo e qualquer artigo por ella publicado até hoje, ou que d'aqui para o diante o-haja de ser, — *ou é propriedade d'ella só*, — *ou d'ella e conjunctamente do auctor*, com cujo nome sair assignado: — 2.° Que não permitte a reproducção de qualquer de taes artigos senão *quatro* dias depois de por ella publicado; e somente aos seguintes jornaes, que em tomarem d'ella as coisas de publico interesse para as-derramarem ainda mais, longe de a offenderem, pelo contrario a-lisongearão —

Em Lisboa: Constitucional. — Correio Portuguez. — Diario do Governo. — Jornal de Utilidade Publica. — Periodico dos Pobres. — Portugal Velho. — Revolução de Setembro. — Abeille. — Annaes de Marinha. — Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional. — Archivo Popular. — Bibliotheca Familiar e Recreativa. — Catholico. — Correio das Damas. — Folha do Commercio. — Gazeta dos Tribunaes. — Jornal Militar, — Jornal das Sciencias Medicas. — Jornal da Sociedade Pharmaceutica. — Museo. — Panorama. — Ramalhete. — Recreio. — Universo Pittoresco.

No Porto: Athleta. — Commercio. — Noticiador. — Periodico dos Pobres. — Revista Litteraria.

Em Coimbra: Antiquario. *Na Madeira*: Defensor. *Na Terceira*: Angrense, Iris. *Em S. Miguel*: Açoriano. — Monitor. — 3.° Que toda a transcripção de artigo seu, que por algum jornal for feita, sem a designação expressa, e por extenso, do titulo de *Revista Universal Lisbonense* e do nome do auctor, por quem for assignado, no caso de o-ter, será *denunciada como deslealdade e perseguida como roubo*: — 4.° Que toda e qualquer alteração no espirito ou na letra, que em artigo seu se-lhe-haja de fazer, será igualmente perseguida: — 5.° Que por nenhum caso permittirá, que pessoa alguma, afora os jornaes acima nomeados, sem expressa auctorisação sua, reimprima de qualquer modo, sob qualquer titulo, ou em qualquer formato, que seja, nenhuns dos seus artigos.

A *Redacção da Revista Universal Lisbonense*, a quem impudentes roubos de *impressores traficantes* constrangeram a recorrer finalmente a estas, e a outras ainda mais activas providencias, de que já agora não abrirá mão, convida aos SRS. REDACTORES DE TODOS OS OUTROS JORNAES para a-ajudarem n'esta honrada conjuração contra *piratas litterarios*, que a todos, mais ou menos, os-têem expoliado; e fia — que nos *Jurisconsultos*, *Jurados*, e *Julgadores* não faltará boa vontade, e efficacia de meios para os auxiliarem.

CONHECIMENTOS UTEIS.

283 DEVE CONSENTIR-SE O EXERCICIO DA MEDICINA HOMOEOPATHICA?

Em o n.° 2.° da 3.ª Serie (aliás 26) da *Revista Universal*, deu-se uma idéa muito em geral, do que era *Medicina Homœopathica*: agora perguntarei eu, se o exercicio de tal industria se-deve tolerar? Julgo ser bem facil a resposta, á vista do que é tal Medicina.

Muitos tempos ha, que se-nota uma universal tendencia dos espiritos para olhar a Medicina como um systema de principios geraes, quando ella é uma sciencia filha da observação, e que se não amolda aos caprichos dos homens. Entre *Brown* e os tempos actuaes ha muitos documentos para provar o que se-enuncia: affrontando todos estes systemas medicos, a razão, esclarecida pela experiencia, tirou para a sciencia certas verdades fundamentaes; e as theorias caíram. Assim se têem dirigido respeitaveis Medicos, usando do *ecclectismo*, ou da escolha da Medicina fundada em factos, sobre cujo maior numero alguns Medicos de hoje (como fez Hippocrates) têem fundado um juizo sobre as relações do organismo doente com o são; mas o estado pathologico é o desvio do physiologico, por tanto sem os conhecimentos deste não se-adquirem os daquelle; servem-lhe por isso de fundamento e de base os physiologicos. Como pois o estado de saude é o termo de comparação para o estado de molestia, é evidente que offerecem menos segurança para a pratica da Medicina as theorias homœopathicas, que repellem inteiramente a physiologia. Pois que a Homœopathia não examina senão os symptomas, sem lhe-importar o em que, — e de que modo — o estado physiologico é perturbado, a sua Therapeutica mesmo não se-funda senão sobre os symptomas. Debaixo de taes principios não é possivel, que o Estado possa submetter um candidato, que sáe d'uma Eschola Homœopathica, áquellas provas severas, porque deve passar para dar á sociedade os devidos abonos. A Homœopathia não é uma sciencia; porque rejeita o que lhe-é indispensavel para elevar a Medicina á classe de sciencia; tem porém ella invadido o terreno da pratica com espantoso abuso; porque é estrondoso abuso a pratica de uma arte, sem se-terem aprendido os seus

fundamentos; os quaes em medicina se-devem procurar primeiramente no organismo normal, ou na physiologia. Limitando-se porém a Homœopathia á mesquinha consideração dos symptomas, além de dar uma marcha retrograda, e anti-scientifica á Medicina, cáe em um puro charlatanismo, que se não póde, nem deve tolerar.

A Medicina Homœopathica é completamente arbitraria; porque nem mesmo fixa as regras, segundo as quaes se-devem administrar os remedios contra os symptomas observados: além disto a sua pathologia, e therapeutica se-reduzem a uma simples pharmacologia. É com effeito necessario ser muito ambicioso de novidades, para adoptar as theorias Homœopathicas, quando ellas attribuem virtudes medicamentosas a substancias infinitamente pequenas, e que escapam a nossos sentidos physicos; dependendo infallivelmente os successos, que por ventura possam ter apparecido, simplesmente da dieta, que foi tida sempre em grande conta por todos os Medicos, e em todos os tempos; de maneira que o tratamento medicinal Homœopathico é puramente de segredo, que os seus sectarios querem impôr em quanto ás doses, e em quanto á preparação dos medicamentos; que se apparece algum resultado util, é somente pela acção moral, que produzem, além da dieta, como dissemos.

Para occasionar effeitos ainda mais magicos, os Medicos Homœopathistas têem deliberado preparar em segredo os seus mais efficazes remedios, e mesmo em segredo vendel-os; mas é seguramente com o fim de impossibilitar toda e qualquer verificação. Por conseguinte, medicamentos dados em doses millesimas, centessimas millesimas, millionesimas, sendo puramente misterioso o modo de as-preparar por compassos em quanto á trituração, e vascolejação, além das absurdas theorias já expostas, dão uma prova mais que evidente, de que tal systema é um puro — *charlatanismo* — que as authoridades não podem, nem devem tolerar, sem que abandonem suas attribuições, em quanto á fiscalisação dos importantes objectos de saude pública.

Tambem se-conclue do que fica acima exposto, que grandes seriam os prejuisos para os interesses públicos, se se-tentasse propagar a Medicina Homœopathica, o que senão tem conseguido, nem se-devia consentir; pois que resulta da prática de taes Medicos, que o seu systema não é uma sciencia, não tem algum dos caracteres de sciencia, e não deve mesmo ser contado entre os systemas em Medicina; e por consequencia *nem consentido o exercicio* da chamada *Medicina Homœopathica*.

F. I. dos Santos Cruz.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 338.)

FRANÇA.	Milhas.
284 As suas estradas reaes em 1837 somavam em	22,500
Ditas departamentaes	25,000
Caminhos vicinaes	25,000
(*Mich. Chevalier, Trav. publ. France* 1838 Part. 1. p. 33) somma total	72,500

Em harmonia com o principio da centralisação, que predomina nesta nação, infeliz quando exercido em paizes livres, as estradas têem sido feitas e são mantidas, pelo Thesouro Público, por *centimes* addicionados á contribuição directa, e por emprestimos parciaes de 160 a 400 contos de réis, alevantados pelos Departamentos para esse fim.

Este systema é muito censurado por *Dupin*, Voies pub. T. 1. p. 33. não podendo deixar de lamentar que o Directorio, depois de ter imitado o systema das barreiras de *Inglaterra*, não tivesse a coragem para persistir nessa util innovação, que, na sua opinião, deveria ser adoptada. As barreiras em *Inglaterra*, segundo o testimunho deste A., tambem na sua introducção alli ha 200 annos, foram repellidas pelo povo, porém á sua adopção se-deve a economia da factura, e depois a perfeição de conservação com que se-cuida naquella Ilha nas estradas, com as quaes as francezas estão mui longe de poder hombrear.

A sua construcção em França pela corporação das pontes e calçadas, faz com que, 1.° se-lhes-dê uma largura que origina diversos planos sobre o plano geral, o qual assim vem a estragar-se pelas aguas que correm dos superiores para os inferiores; 2.° que com o mesmo dinheiro se-faça ametade da estrada em comprimento que se-poderia e deveria fazer; 3.° que seja quadruplicada a despeza da sua conservação, duas vezes pela sua largura, e outras duas porque nesta largura vem a haver dois estragos, o do uso, e o das aguas pelo defeito notado.

Quem tiver entrado em *París*, pela banda de *São Diniz*, não me-ha-de desmentir. Em 1837—1838, tal era o seu estado de ruina, que será difficil achar mais que taxar ás nossas, de roda da capital.

Sem outro empenho, senão o de relatar factos, e prescindindo do que observei pessoalmente, *Mic. Chevalier*, já citado, é a authoridade por quem me-guio. Diz elle, a pag. 39. da sua obra, que para tornar as reaes soffriveis, seria preciso ainda gastar nellas, 32.000.000$000 réis e isto além do producto da venda da ametade do seu terreno por superfluo. E em quanto ás departamentaes, independente da sua conservação annual, tambem assevera elle não se-poder gastar com ellas menos de 24.000.000$000 réis para as-pôr em um estado de transito perenne, tanto para inverno, como para verão. Ainda é muito mais elevada a quantia que designa para os caminhos vicinaes; porque para estes indica elle que são precisos pelo menos 64.000.000$000 réis. A somma total são 120.000.000$000 réis, devendo o seu dispendio ser derramado por um decennio.

O estado das communicações em França, pelo que se-acaba de transcrever, não se-póde considerar favoravel; todavia sabendo-se que no apogeo do Imperio, em 1811 as estradas reaes não passavam de 7500 milhas em extensão, e que as departamentaes, o maximo que teriam, seria 5000 milhas, não poderá a convicção universal deixar de reconhecer que mais do que os grandes homens vale a liberdade. A curatela da minoridade, em que os francezes, nos seus interesses materiaes, se-deixam viver, faz com que entre outras cidades não tenha estradas, *Marselha*, por exemplo, o emporio do commercio francez no Mediterraneo, e com que a *Haute Marne*, e *Ardennes*, dois departamentos ricos de officinas de ferro, tambem permaneçam sem ellas. *Notes p.* 361. *M. Chev. France.*

Vindo agora ao custo de cada uma das estradas,

segundo a classificação apresentada desde o principio, para as reaes, sendo de calçada de que ainda ha bastantes, o seu termo medio é de 11.264$000 réis por milha, e sendo á *Mac-Adam* é de 4.648$000 réis. Em ambos estes preços vão incluidas todas as obras d'arte, e particularmente algumas grandes pontes de muita despeza.

As departamentaes importam muito menos; calcula-se que custam ametade do que custam as reaes.

Sobre as vicinaes não tenho dados.

As despezas da conservação são como se segue: para a

Estrada real, no geral, são	a 1408$800 r.s p. milha p. anno.		
Dito á roda de París, de calçada	832$000	»	»
D.º se fôsse de casc.º sahiria por	1.440$000	»	»

Para as estradas departamentaes, sendo visinhas de París, regulou em 3 departamentos a 256$000 rs. p. milha p. anno

7	192$000	»	»
Outras 19	76$800	»	»
Termo medio geral	80$128	»	»

Em todos os departamentos aonde os costeios das estradas são mínimos, é observação confirmada, que tambem as contribuições são deploraveis para o Thesouro (*Mig. Chevalier. Notes pag.* 358.)

Antes de passar adiante, devendo servir de algum esclarecimento estas resenhas, não posso deixar de mostrar, como sobresáe a funesta influencia do systema francez, em contraposição ao inglez. Todos os que tiverem viajado em Inglaterra hão de ter sentido, que com pequena variação as estradas por barreiras são de uniforme bondade por toda a parte. O seu termo medio de conservação por conseguinte é tambem de 144$000 réis por milha para todas. Se em França fôssem pôr as estradas no estado das que circundam París, seria o seu costeio, sendo de calçada, de 832$000 réis, ou perto de 6 vezes mais do que em Inglaterra, e se fôssem macadamisadas, como alli são todas, seria 10 vezes mais. Esta disparidade demonstra toda a superiodidade de um methodo sobre o outro.

Canaes.

O numero total, pequenos e grandes, e extensão dos canaes, que ha em França, segundo a *Estatistica Official*, publicada pelo seu governo em 1837, *Tomo* 1. *p.* 31. é de 70, medindo 2312 milhas, e reputam-se terem custado 112.000.000$000 réis, ou 48.442$000 réis por milha, ou perto de 40 por cento mais do que os inglezes; o que não admira attentas as maiores difficuldades do terreno, a demora, e a magnificencia com que alguns delles foram construidos no tempo de Luiz 14.º e do Imperio. Feitos á custa do Estado, não tem rendimento, e tambem parece que não tem tido o desenvolvimento mais commercial que convinha á posição geografica da França, porque a cabotagem ainda poem 3 mezes em ir de *Marselha* ao *Havre*, derrota que se-evitaria, se a navegação interior por canaes, estivesse estabelecida entre estas duas cidades.

Caminhos de ferro.

É a França infelizmente, das nações civilisadas que tem emprehendido estas novas communicações, a que está mais atrazada no seu acabamento. O seu Parlamento mesmo se-queixa deste atrazo, para remover o qual Mr. *Teste* em 7 Fev.º p. p. veio á Camara dos Deputados propôr o plano geral dellas para toda a França, que assim mesmo ha de encontrar grandes difficuldades na execução, por ser emprehendido pelo mesmo governo, segundo escrevem os seus melhores technicos. (*Emile Pereire, Director dos caminhos de ferro, Saint Germain e Versailles, rive droite. Courrier Français* Fev. 1842.)

Os caminhos de ferro que se-acham feitos e que estão em progresso de formação em França sommam 392 milhas, dos quaes duas terças partes já estão acabados, e se-anda por elles, e tanto quanto eu posso julgar por experiencia, não me-parece que a commodidade e a velocidade que offerecem seja sensivelmente inferior ás dos inglezes. Á imitação destes, tambem até agora tem sido todos feitos por companhias particulares, posto que *commanditarias*, e auxiliadas com fundos do governo, emprestados a 4 por cento ao anno.

O seu custo tem regulado por metade dos de Inglaterra, o que se-deve attribuir aos nenhuns gastos judiciaes preparatorios nas Camaras, mais barateza de preços nas expropriações, que em Inglaterra regulam a 40 contos por milha, e a que a mão d'obra tambem é mais acommodada, e têem sido feitos com menos luxo. Assim mesmo grandes tem sido tambem os seus enganos a este respeito. O caminho de ferro de *Saint Germain* foi estimado em 3,900,000 francos, e só o seu alpendre, peristilos, e telheiros em París custaram 8,000,000 francos ou réis 1.280.000$000.

Todos elles em geral, em França, tem sido até agora ruins especulações, com a unica excepção deste mesmo de *Saint Germain*, que tem chegado a dar dividendos annuaes de 20 por cento.

(*Continuar-se-ha*).

Claudio Adriano da Costa.

UMA IGUARIA GRATUITA.

285 Valha-nos Deos com a aristocracía: desigualdades entre os homens, desigualdades entre os animaes, e até desigualdades entre as plantas — desigualdades em todas as cousas, e até nos vocabulos desigualdades. ¿Quen metterá, por exemplo, em poesia, em eloquencia, ou ainda em papel, que haja de ser lido diante de gente, o nome de *favas*? E mais são as favas tão antigas no mundo, e tão filhas de Deos como os loiros, e as flores dos jardins. — e muito mais do que ellas e do que elles prestadías e amigas da pobreza: como taes, quando mais não fôsse, já d'ellas se-poderia fallar n'uma folha consagrada á utilidade: mas antes que as-ponhamos a servir, bom será que para lhes-evitar alguns desdemzinhos de soberbos, puxemos por suas nobrezas, que não são nobrezas os prestimos, senão os pergaminhos. Sim, senhores, tambem as favas têem a sua historia, e muito mais antiga que a de muitas prosápias; se hoje se-acham plebéas são voltas do mundo, são phantasias da fortuna; já em melhor conta se-viram entre povos bem grandes e bem políticos. Se houvera um conde *D. Pedro* dos legumes, mui para vêr seria no seu nobiliario o capitulo das favas. Diz um auctor, que foram favas o primeiro sustento da nossa especie. *Catão* e *Plinio* referem que as primeiras idades quizeram fazer d'ellas o seu pão. Entre os Egypcios havia-se por fé — que as almas dos finados se-íam metter nas favas; apertado paraizo lhes-concediam! E por isso tanto as-acatavam, que as não comiam. De *Pythagoras*, ácerca das favas, que a seus discipulos prohibia, disseram uns, que as-antojava, pelas ter na conta de ruins influidoras de ruins desejos; outros que, porque muito lhe-sabiam, como exercicio de temperança se-abstinha d'ellas. Terras ha ainda agora por esse oriente, onde igual abstinencia vai observada: e na costa de *Coromandel* e em *Surrate* lemos — que alguns de seus moradores antes se-deixariam matar do que levar á bôca uma só fava. Nos sacrificios aos deuses infernaes, e para affugentar os máus espiritos, derramavam favas os romanos. Com favas se-votava em Athenas para a eleição dos magistrados: e ainda agora na Athenas desta nossa Europa, que é *Paris*, vêr o que vai em *dia de Reis*: cortam em tantos pedaços, quantas são

as pessoas da casa e mais convidados á festa, um bolo grande, que lá tem dentro escondido um grão de fava: fervem enrêdos no dividir dos quinhões, porque onde a fava fôr caír, levará para todo esse dia titulo e authoridade de rei ou de rainha; se rainha saíu, novas ambições, que tem ella para eleger o seu consorte; — se é rei, novas brigas de ciumes, que vai escolher d'entre as súbditas uma espoza; e esta rainha, e este rei, e estes vassallos, até bater a fatal meia noite, que destruirá o throno para renascer sob novos possuidores d'ahi a um anno, gosam-se de uma risonha idade de ouro de poucas horas: e este reino feliz com seus monarchas, e estes monarchas ainda mais felizes com o seu povo, tudo isto foi devido á virtude de uma fava.

Já temos pois as favas illustres, apezar de sua vulgaridade, apezar de sua humildade, que nunca á mesa de principes severiam, mas sempre por arribanas de hortelões, por quarteis de soldados, gamellas de marinheiros ou refeitorios de penitentes; apezar em fim de não só animaes com ellas se-nutrirem, mas serem em muitas partes despresivel adubo da terra as suas plantas: — nobres são sem embargo de humildes, e ainda que não ociosas, fidalguissimas.

Mas eis-nos aqui, depois de tão laboriosas e fecundas investigações historicas, para darmos decentemente á luz o nome das favas, eis-nos aqui entrados a novas difficuldades para atracar o verdadeiro fim do nosso artigo. Facil e agradavel nos-foi o exaltal-as; mas como escriptor nos-custa o havermos com ellas de descer das altezas historicas ás afumadas profundidades das cosinhas dos pobres: fal-o-hemos entretanto, e sem preambulos, que não requerem portas destas grandes cerimonias para se-abrirem: os opulentos que se-retirem para os seus banquetes e nos não ouçam, e todos assim ficaremos bem.

Sabei pois que ha nas favas dobrado e melhor sustento, do que suppondes. Cozeis-lhes os grãos, e lançais-lhes fóra as cascas; — ora recolhei as cascas, — de que já não fazieis conta, e que por isso, como no titulo propuzemos, vos-vem de graça, — cozei-as, refugai a vossa cebola, e guizai-as como vages de feijão: sentai-vos com vossos filhinhos á mesa — tereis dobrada abundancia — e em logar de um, dois pratos, e melhor o segundo que o primeiro. Novidade não é essa, dirá alguem, — á fé que não — mas nem ainda tambem por ella vos-requeremos nós alviçaras; — mas porque muitos ou quasi todos a-desconhecem, e por isso esperdiçam n'este genero ametade de sua fazenda; nem nos-corremos, nem nos-pesa de lhes ensinar tão boa receita. Tambem nós, ainda ha dois dias, a-ignoravamos; por um acaso a-descobrímos entrando a descançar de um largo passeio pelo campo n'uma quasi choupana, onde a sêde nos-attrahira, onde o cheiro de tão saboroso guizado e o cordeal convite da dona da casa para nos d'elle aproveitarmos, nos-determinou a jantar. — Em recompensa da sua hospitalidade, promettêmos-lhe a gloria de a fazer figurar n'um artigo de jornal, offerecimento que nos ella agradeceu como boa, sem n'o entender — era tão abençoada aquella choupana que nem ainda jornaes lá tinham chegado! — hoje nos-desempenhamos da nossa palavra, o que ella de certo nunca saberá! Esta mulher chamava-se *Maria*, — merecia o nome, que era boa e amavel, — e tinha as melhores mãos do mundo, assim para cosinhar um guizado, como para o servir, — mas onde a sua choupana fica, eis-ahi o que vos não diremos.

Antonio Feliciano de Castilho.

EXAME PHRENOLOGICO DE *MATTOS LOBO.*

286 Com o fim de completarmos a exposição, que no precedente numero publicámos, ácerca do Justiçado *Francisco de Mattos Lobo*, nos-dirigímos ao illustre Secretario da Eschola Medico-Cirurgica, o Sr. Dr. *José Pereira Mendes*, que juntamente com os Srs. *Pulido e Simas*, havia procedido ao exame phrenologico. Com a deferencia propria do talento, aquelle senhor, prestando-se ao nosso pedido, nos-remetteu a memoria que se-segue. ——

Com o intento particular de examinar a organisação cerebral de *Francisco de Mattos Lobo*, e procurar nella a verificação dos principios da sciencia phrenologica, foi pedido o cadaver por dois jovens Facultativos portuguezes, os Srs. *Francisco Martins Pulido* e *João José de Simas*, afim de ser transportado á Eschola Medico-Cirurgica de *Lisboa*, aonde devia ter logar o seu exame. O Governo, annuindo a esta pertenção, immediatamente expediu as ordens para este fim. Foi nos dias 17 e 18 do corrente, que se-procedeu ás averiguações convenientes.

Não é este o logar de entrar no desenvolvimento e exame da doutrina phrenologica, nem de averiguar, se são ou não admissiveis todas as suas pertenções, e muito menos de tratar da sua applicação á educação do homem; mas, com quanto se-achem ainda litigiosos varios pontos desta doutrina, existem nella algumas verdades, as quaes são hoje geralmente reconhecidas. Assim não se-duvída hoje, de que os resultados tão variados, que apresentam as propensões e os actos intellectuaes e moraes, são correlativos ás modificações, que existem na organisação do cerebro; é este um ponto, que *Gall* pôz fóra de toda a dúvida. Todos sabem que este celebre Filosofo assignou um determinado numero de faculdades intellectuaes, de sentimentos moraes, e de instinctos ou propensões, marcando a cada uma dellas seu logar correspondente no cerebro, e indicou igualmente os meios de reconhecer na superficie do craneo o maior ou menor desenvolvimento dos orgãos, e por conseguinte a maior ou menor extensão das faculdades a que presidem. Entre os instinctos ou propensões admitte elle o instincto de destruição; e as circumvoluções cerebraes que o-constituem, estão situadas acima do meato auditivo, devendo por este motivo a conformação do craneo apresentar uma modificação correspondente ao desenvolvimento desta parte.

Postos estes principios, restava vêr, se a organisação da cabeça de *Mattos Lobo* offerecia os caracteres proprios dos facinorosos, e que os Phrenologistas, tanto pela observação na especie humana como nos animaes, têem assignado. A cabeça de *Mattos Lobo* apresenta effectivamente os caracteres phrenologicos da *destructividade*. No seu exame procurámos primeiramente reconhecer, qual das tres regiões predominava, se a dos instinctos, sentimentos moraes, ou faculdades intellectuaes. Para este fim empregámos o methodo prescripto por *Broussais* no seu curso de Phrenologia; traçámos com a possivel exactidão no craneo as tres linhas sobre todos os pontos por elle especificados, e logo foi facil conhecer, que a parte dos instinctos ou propensões era a predominante, notando-se serem comparativamente muito mais diminutas as duas outras secções, correspondentes ás faculdades intellectuaes e moraes; donde se-vê, que a intelligencia e as mais bellas faculdades do homem, deviam ter neste individuo pequeno desenvolvimento, o que é confirmado pelo que mostrou a observação durante a vida, em referencia aos resultados de seus trabalhos intellectuaes. Depois de nos-termos certificado de semelhante disposição, procurámos verifical-a por outro methodo, indicado pelo mesmo *Broussais* como contra-prova do primeiro, servindo-nos para isso dos seus tres semi-circulos, e então se-viu, que o semi-circulo correspondente aos instinctos apresentava

uma dimensão quasi dupla de cada um dos outros dois que respeitavam ás faculdades intellectuaes e moraes. Procurando depois apreciar os instinctos, que naquella região mais prevaleciam, reconhecemos um grande desenvolvimento nos orgãos da *destructividade* e da *amatividade*, conjunctamente com uma grande depressão na região superior da cabeça, na parte correspondente ao sentimento moral da *bondade*.

Não nos-limitámos porém aos methodos de *Broussais*; recorremos igualmente aos processos recommendados pelos Phrenologistas inglezes, *Cox*, e *George Combe*, para a appreciação da parte cerebral. Pelo methodo de *Cox* reconhecemos uma consideravel projecção formada pelas circumvoluções cerebraes, pertencentes aos instinctos, e particularmente ao da *destructividade*, cujo resultado foi novamente corroborado pelo methodo das linhas, que emprega *George Combe*, de que igualmente nós nos-servimos. Finalmente procedemos a observações comparativas com os diversos craneos, que tinhamos presentes, e em nenhum achámos proeminencias tão pronunciadas, nem dimensões tão notaveis, relativas á determinação dos mencionados instinctos.

Taes são os factos, que o exame mais obvio da cabeça de *Mattos Lobo* offereceu. Como a resolução dos problemas phrenologicos só possa fazer-se na actualidade da sciencia, por factos e inducções, e não por meio de raciocinios *á priori*, a presente observação contém grande interesse, que muito augmentará com o conhecimento mais detalhado da vida e costumes deste individuo. *Dr. José Pereira Mendes.*

GAS LUCÍFERO.

287 No artigo 259 falámos da importantissima descoberta de uma composição que produz uma luz magnifica, e sobreleva ao azeite por numerosas vantagens que ali expozémos. Impacientes de ver espalhar-se sem demora este melhoramento de um artigo de primeira e geral necessidade, escrevemos ao seu habil introductor e aperfeiçoador, o Sr. *Carlos Gomes Barreto*, 65, *rua do Loureto*, para que nos-informasse dos obstaculos que se-oppunham a que o público se-utilisasse do resultado de seus trabalhos.

Damos em seguida a sua resposta, e sollicitamos das competentes authoridades que apressem os tramites por que tem de correr a concessão do pedido privilegio. Não se-pode exigir do Sr. *Barreto*, ou da sociedade que elle tenciona organisar para este fim, que divulguem o seu segredo antes de se-lhes-afiançar o privilegio, ou que entrem em avultadas despezas indispensaveis, sem certeza de que não serão perdidas.

Por esta occasião, confirmando quanto sobre o *gas lucífero* escrevemos no citado artigo, diremos que os novos trabalhos e experiencias tem já diminuido os ténues defeitos que na luz se-notavam; por exemplo, a luz, perfeitamente fixa, é hoje clara, brilhante, e não amarellada e tristonha, como nos primeiros dias da exposição.

Sr. Redactor da Revista Universal.

288 Sou summamente grato á obsequiosa attenção que lhe-tenho merecido, e nenhuma recompensa de desvelado zelo me-poderia ser mais lisonjeira do que a opinião de juizes taes.

Respondendo á carta que V. V. se-dignam dirigir-me, direi que o motivo unico da demora, tanto na manipulação como na exposição do *gas lucífero* é o achar-se ainda pendente a adjudicação do privilegio de introducção e melhoramento, que peço e espero alcançar.

O que V. V. expenderam no seu artigo 259 é da mais escrupulosa exactidão, e todas as vantagens que mencionam são incontestaveis. Innumeraveis pessoas visitaram o meu estabelecimento, e notaram que o *lucífero* dava uma luz brilhante, e fixa, que era inodoro, não produzia fumo, circumstancias ás quaes se-junta a da economia.

Pessoa intelligente, tendo procedido a minuciosas experiencias, achou que um tubo de *lucífero*, de 9 orificios, dá tanta luz como 25 velas de sebo, ao passo que o consumo do *gas* não ultrapassa 12 a 14 oitavas por hora, sendo o seu preço inferior ao do azeite, ainda que este podesse no mesmo tempo consumir quantidade igual e dar a mesma claridade, o que não é.

Reservo-me para, dentro em pouco, quando houver obtido o privilegio, descrever todas as vantagens do novo invento, e mostrar com exactidão mathematica a superioridade do *lucífero*, comparado com cadauma das substancias de que habitualmente nos-serviamos, e a sua applicação a todos os usos públicos e domesticos, desde o elegante lustre e candieiro de salla até á humilde lamparina.

Sirva o que acabo de expôr de satisfação, pelo que toca ás encommendas sem número que ainda não tenho podido executar, o que farei assim que o-permittirem os tramites legaes de que me-occupo.

Renovando os protestos do meu reconhecimento etc.

Lisboa, 27 de Abril de 1842.

Carlos Gomes Barreto.

ESPINGARDAS DE PERCUSSÃO.

289 Recebemos uma reivindicação do Sr. *Barão de Monte Pedral* ácerca do que a redacção prepuzera ao artigo n.º 258 — *sobre espingardas de percussão do Sr. Monteiro.* — Por essa occasião elogiavamos um *notavel officio* do Sr. *Barão*, — elogio que repetimos e confirmamos.

Igualmente diziamos então — que a memoria do Sr. *Barreiros* sobre o mesmo assumpto, *por culpa nossa*, não víra a *luz publica* antes do *officio do Sr. Barão*; não se póde de similhante asserção, nem por sombras, concluir, que houvesse em nosso conceito entre os dois escriptos comparação, usurpação, ou superioridade.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

CABO VERDE.

1.º *de Maio de* 1460.

290 Grande deveu de ser o alvoroço d'aquelles bons servos do immortal *Infante D. Henrique*, quando nas suas explorações da *Costa d'Africa*, amarando-se para o poente de *Cabo Verde* — *no dia de Maio* — avistaram terras bordadas de mui espessa e formo-

sa verdura, que certo, grandes saudades lhes-devêra avivar, dos prados e campinas do seu Portugal, que n'esse dia, seriam despojados de muita parte das gallas, e louçainhas da primavera — para adorno e brinquedo de seus moradores, como em tal dia pede a usança. Eram as terras de que fallámos, as tres primeiras Ilhas de Cabo Verde. — Para perpetua memoria do dia de seu descobrimento, lhes pôz *Antonio de Nolle*, Commandante das Caravellas — por nome — a 1.ª de *Maio* — a 2.ª de *S. Filippe* — e a ultima de *Sant-Iágo*. — Logo depois descobriram os enviados do *Infante D. Fernando*, as demais que hoje compoem o Archipelago de Cabo Verde. — Todas estas Ilhas são fertilissimas, e mui azadas para as producções que de fóra lhes vão. Todavia parece que pouca differença fazem ainda hoje, do tempo que as descobrimos, ha 400 annos! É dever porém declarar, que durante o Ministerio do Sr. *Visconde de Sá da Bandeira*, foi esta rica porção das nossas Colonias grandemente favorecida e melhorada: — mormente com a concessão de terrenos baldios para agriculturar que a varios Negociantes desta Côrte se fez.

Nos fins do anno passado publicou-se uma obra, muito de agradecer, feito pelos Srs. *José Conrado Carlos de Chelminski* — e *Francisco Adolpho de Varnhagen*, onde miudamente se-descreve o estado d'aquella Provincia, e bem assim de Guiné — e os melhoramentos de que são susceptiveis com grande proveito e lucros. Recommendamo-la a quem o conhecimento d'aquellas partes interessar, e esperamos vêl-o continuado, pois que só conhecemos o 1.º tomo: e se intitula — *Corographia Cabo-Verdiana*, — *ou Descripção Geographico-Historica da Provincia das Ilhas de Cabo Verde e Guiné*. — *Lisboa* 1841.

Confiamos tambem muito no desvelo com que a *Associação Maritima e Colonial* de *Lisboa* cura das nossas Possessões do Ultramar. *A. da Sylva Tullio.*

(Continuação de pag. 318)

291 FUNDAÇÃO DE COIMBRA.

A Collimbriga, honrada então de Entenas
Passou (1), *Condeixa a velha* hoje chamada,
Cuja ruina de mui doutas pennas
É, quanto veneranda, accreditada:
De sua nobre cinza, ó Lusa Athenas,
Foste muito depois edificada;
Porque não mui distante donde Athaces
Sua pompa abrasou, Fenis renasce.

Viriato Tragico. — Canto 5.º

A historia da *fundação de Coimbra* está involvida em tão densa nuvem de obscuridades, que não é menos difficil assignar a epocha de seu politico nascimento, que o determinar um nome indisputavel ao fundador (2). — Em uma só cousa concorda a maior parte dos Historiadores (3), a saber: que *Athaces*, rei dos Alanos, depois de ter arrasado Collimbriga (4), hoje *Condeixa a velha*, fizera trasladar as reliquias do que por ventura não podéra aniquillar para junto do Mondego, e com ellas ahi construira uma nova cidade, *Coimbra*, onde, como capital dos seus dominios, fixou a séde da Côrte. — Convidou-o á edificação o alteroso do logar, apto para fortificações, que então eram as chaves da guerra, a bondade do clima, a fertilidade do terreno, e sobre tudo a amenidade dos campos do placido Mondego. — Existia porém n'este logar, antes que o rei Alano o-escolhesse e accommodasse para morada, alguma povoação memoravel? ou florestas povoavam a colina, que depois coroaram palacios? Estava o sitio virgem, ou alguma raça d'homens o investigára? Não ha para dize-lo ao certo. Alguem crê, que antes d'*Athaces* edificar *Coimbra*, *Hercules* lhe-puzera os fundamentos, e munira de torres. — *Mariz*, *Botelho*, *e Gasco* o-asseveram; e o A. da Ulysséa seguiu a velha tradição, quando, cantando a guerra que soffrera *Ulysses* ao edificar *Lisboa*, nos-diz:

Traz Gorgoris comsigo a Valinferno,
Grão Capitão de muita gente armada,
Que tem o famosissimo governo
Da *Cidade por Hercules* fundada:
Onde o *Mondego* com licor eterno
Os fortes muros beija, e a dourada
Margem regando com saudosa vêa,
Cerca de cristal puro ilhas de arêa. (5)

Um documento venerando parece tambem provar, que a desmantelada *Collimbria*, e a nova *Coimbra* figuraram ao mesmo tempo, regidas por differentes Bispos (6). *R. de Gusmão.*

---

(1) *A dignidade episcopal.*

(2) *Pedro de Mariz*, levado por ventura do amor de natural, para sublimar a sua patria com um fundador *antigo e de larga nomeada*, remonta aos tempos fabulosos de nossa historia, e apresenta Hercules presidindo á fundação de Coimbra. — *D. de varia H. cap.* 1.º — *Fonseca* affirma que *os seus Eborenses* a-edificaram. — *Evora Gloriosa*, 1.ª Parte, §. 15. — *Botelho* assigna-lhe por fundadores os povos Collimbrios, que vieram em companhia dos Turdulos, Gallos, e Andaluzes, 308 annos antes de Christo. — *Hist. breve de Coimbra.* — Cordeiro, no seu Diccionario Geografico, tambem segue esta opinião. — *Leitão d'Andrade* refere ainda outra origem. *Miscel. Dial.* 15. — Veja-se tambem Rodrigo Mendes Silva, *Poblacion General de España*, pag. 118; *Histoire Générale de Portugal* par Mr. Lequien de la Neufville — Tom. I. pag. 31; et cœt.

(3) Mariz, Gasco, *Ant. de Coimbra*; Botelho, D. Fr. Amador Arraes, Dial. 4.º, cap. 5.º — Duarte Nunes de Lião, Descr. de Port., cap. 4.º — Castro, Mappa de Port. Tom. 2.º, cap. 4.º

(4) Era esta *Collimbria* uma das mais fortes, e inexpugnaveis cidades, e praça de armas na Lusitania; e bem o-justificam ainda hoje seus fortissimos muros, e vestigios de Castellos, que defendiam os canos de agua, que vinham de Alcabedeque; e junto ao penhasco deste rio, ainda hoje (o Autor escreve em 1733) está uma torre, que era onde estava a guarda, para que os inimigos não rompessem os aqueductos, e junto aonde foi a Cidade, se-vê outra torre, que defendia os navios, que lançavam fundo, e ancoravam junto á Fortaleza, e as mais embarcações se-amarravam ás argolas do Castello. =

Historia Breve de Coimbra pelo Licenciado Bernardo de Brito, pag. 3.

Antonio Coelho Gasco, *Conquista, antiguidade, e nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra*, cap. 3.º pag. 21, Arraes, e Leitão d'Andrada, transcrevem algumas inscripções notaveis encontradas entre as ruinas desta famosa cidade.

(5) Canto 8.º, Estancia 57.

(6) Este documento é o 8.º Concilio Toledano, a que assistiram *Celidonius Collibriensis*, *ou Calibriensis episcopus*, *e Sisebertus Conimbricensis episcopus*. André de Resende julga ser o primeiro, bispo de *Condeixa a Velha*, e o segundo

292 ESTATISTICA DOS ESTUDANTES NAS DIVERSAS UNIVERSIDADES D'ALLEMANHA NO 1.° SEMESTRE DE 1841.

	Theologia	Direito	Medicina	Philosophia	Total.
Berlim.....	363	514	408	393	1,678
Bonn.....	176	198	106	114	594
Breslau.....	290	196	125	100	631
Erlangen.....	145	86	57	23	311
Friburgo.....	95	100	94	12	301
Giessen.....	407	«	«	«	407
Gottinga.....	167	268	195	74	704
Halle.....	420	90	110	62	682
Heidelberg...	20	373	140	22	614
Jena.....	134	157	78	91	460
Koenisberg...	114	81	78	117	390
Leipsick.....	254	366	221	94	935
Marburgo....	67	110	41	13	285
Munich.....	190	392	140	462	1,371
Tubingen....	208	104	120	182	739
Wurtzburgo..	182	107	95	60	444
Greuipsnald..	57	52	49	31	189
	3,050	3,035	1,914	1,759	10,734

Vê-se por este pequeno mappa, que as duas Universidades mais importantes, e mais frequentadas de toda a Allemanha, são as de Berlim e Munich: isto mesmo se-prova pelo grande numero de obras publicadas todos os annos n'estas duas cidades, pela grande reputação dos jornaes e mais obras que ahi apparecem, e pelo avultado numero de sociedades scientificas e litterarias. Segue-se depois Leipsick, mercado vastissimo para o commercio de livros; depois Tubingen, e Gottinga, que tanto decaíu com a demissão de sete de seus mais celebres professores. Halle, Breslau, Heidelberg, e Bonn, são ainda Universidades de 1.ª ordem. Vem depois em 2.ª linha Jena, Wurtzburgo, Giessen, Koenigsberg, Erlangen, Friburgo, e Marburgo, e em ultima Greipwald, nas margens do Baltico. Em Munich é que a Philosophia tem maior numero de alumnos; em Berlim, Heidelberg, Gottinga e Leipsick a Jurisprudencia; em Berlim, Leipsick e Gottinga a Medicina; em Halle, Breslau, Tubingen, Jena e Erlangen a Theologia. Tão grande é o numero dos estudantes, que todos os annos sahem das Universidades, que pela maior parte ficam sem emprego por muitos tempos! Daqui procede que progressivamente se-diminue a concorrencia para os estudos superiores; e se-augmenta consideravelmente o numero dos que se-dedicam aos conhecimentos especiaes das artes, e dos diversos ramos da industria. Assim se-vão limitando na Allemanha as sciencias a uma pequena classe de individuos: em quanto a instrucção geral é prompta e facilmente ministrada nas Escólas primarias, e secundarias a todas as classes da sociedade. — Não levantaremos mão desta materia, sem reconhecermos o bom acerto nesta distribuição dos estudos, e ensino público. Que fará o nosso pobre, e pequeno Portugal de tantos Mathematicos; de tantos Naturalistas; de tantos Medicos; de tantos Jurisconsultos, e desse sem numero de Cirurgiões, e Medico-Cirurgiões, de que se-vai enchendo prodigiosamente? Como, e de que haverão elles os meios de decencia, e do publico apparato, que seu estado, e profissão já se-lhes-afigura estar por força requerendo? Além desta desproporção, que é grande mal para tão pequeno paiz; as artes, e a industria levam nella grande perda, e ahi terão sua morte, se lhes-atura a falta de talentos, e d'ensino.

Alexandre Magno de Castilho.

da nossa *Coimbra*. — Mariz, *Dial.* cap. 2.° Nicoláo de Santa Maria, *Chronica dos Conegos de Santo Agostinho*, Liv. 5.°, cap. 5.° — O Beneficiado Francisco Leitão Ferreira, protestando respeito á opinião de tão doulo antiquario, mostra no seu *Catalogo Chronologico-Critico dos Bispos de Coimbra*, que não é segura esta opinião, expondo argumentos de bastante peso, em nosso entender.

DA ULTIMA OBRA DO SR. SILVESTRE PINHEIRO.

293 Em o nosso n.° 19 do corrente anno, se-deu noticia d'um *Projecto d'associação para o melhoramento da sorte das classes industriaes*, — *do nosso illustre compatriota, o Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, um dos principaes escriptores philosophos, no conceito mesmo dos estrangeiros*, como ali se-disse então. — Nós o-conceitoamos um dos poucos, senão o unico, que tem abrangido, em um systema completo, todos os ramos d'uma *organisação social*, capaz de satisfazer plenamente a todas as exigencias do *Pacto social*, comprehendido tão philosophicamente em todas as suas partes, como elle teve a fortuna (rara por certo) de o-contemplar; fructo de 40 annos de estudos, e meditações, bem profundas, sobre a sorte da humanidade, sobre as causas de seus males, e sobre os meios de prover de remedio a tudo systematicamente. — Até aqui sua voz parece clamar no deserto, mesmo para nós: mas, como é portuguez, não admira tanto; porque — *do nosso natural nada nos-parece bem!* Os mystificadores, *conservadores* por interesse, e por commodo de sua medianía, preferem, como Arão, a adoração do *Bezerro*, emquanto acharem no povo o ouro, que possa converter-se em seus idolos. Oh! se Deos lhe-armara o braço, terrivel, como o de Moisés! — Não: sua missão é pacifica, augusta, é o *Messias da razão, da philosophia, e da Ordem social*. — Por um sublime esforço de seu saber, e philanthropia destacou do seu systema geral, o novo *Projecto*, acima indicado, em que, sem dependencia dos *Poderes do Estado*, organisou os Gremios das profissões dos productores, por tal modo, que parecem satisfazer conveniente, e completamente a todas as necessidades do consumo dos mesmos agentes da producção, proporcionando trabalho a todos os braços, e emprego productivo a todos os capitaes accumulados, tanto materiaes, como intellectuaes. — Talvez só elle sería capaz de pôr em andamento, de dar o primeiro impulso a este seu mechanismo. — Sería para desejar, que elle fosse convidado, com o mais efficaz empenho, a fazer este sacrificio (se o-é para elle, e não grande gosto, e gloria). — Sentimos, e comnosco muitas pessoas, que se não ache á venda este folheto, para poder por todos ser estudado, e devidamente apreciado, afim de se-identificarem os animos dos leitores com o espirito, que o-dictou.

Parece-nos muito mais facil o ensaio d'este Projecto n'alguma das nossas ilhas adjacentes. Que fortuna para seus habitantes! — Appareça o primeiro exemplo pratico, que a rotina o- seguirá. *J. L. A. Frasão.*

SCIENCIAS NATURAES EM PORTUGAL. — UMA GRUTA SINGULAR

294 Custa a acreditar, que sendo o estudo das Sciencias Naturaes tão interessante e aprazivel, tão desprezado tenha andado até estes ultimos tempos: mas para isso muito concorreu de certo, além d'outras causas, o serem ensinadas quasi exclusivamente na Universidade de Coimbra. D'aqui provêm a mingua de collecções, e d'obras que sobre taes assumptos possuimos, e por conseguinte a deficiencia de linguagem technica, a ponto de muitissimas vezes se-tornar difficillima a traducção d'escriptos que versam sobre alguns d'aquelles ramos, mormente sobre Mineralogia, Geologia, e Metallurgia.

Não é desconhecida a grande vantagem que do estudo d'estes ultimos ramos nos-pode vir; o conhecimento da natureza do sólo que habitamos, e das riquezas mineraes, de que abunda, não só pode prestar serviços á agricultura, mas tambem á mineração, e outras industrias: á agricultura, ensinando as qualidades e propriedades dos diversos terrenos, e por consequencia as culturas que n'elles convirá mais fazer, e bem assim fornecendo-lhe adubos em abundancia, etc.; á mineração, para a exploração das minas de metaes, e outros productos mineralogicos, em que, segundo as relações de *Vandelli*, e de varios outros, parece não ser escaço o nosso *Portugal*, o que demais é comprovado pelos documentos que ainda restam, e que põem fóra de duvida, que no tempo dos Romanos, e dos nossos antigos Reis, a mineração em *Portugal* não se-achava entregue ao abandono como actualmente, e pelo contrario muito concorria para a riqueza d'aquelles antigos tempos, antes do ouro e preciosidades das conquistas e colonias virem empobrecer a mãi-patria: ainda a tudo isto accrescentaremos as incalculaveis vantagens de se-adquirirem os dados necessarios para se-effeituar com fructo a abertura dos poços artesianos.

Infelizmente é sobre taes assumptos, que menos se-ha escripto em portuguez; pois que além das *Taboas Mineralogicas de Barjona*, da traducção da *Mineralogia de Bergmann* por Fr. *José Marianno Velloso*, apenas encontramos algumas Memorias de *Monteiro*, *José Bonifacio d'Andrade*, *Vandelli*, *Barão d'Eschwege*, e alguns poucos mais, faltando inteiramente obras que formem um corpo de doutrina sobre aquellas materias; pois taes não se-podem considerar as de *Barjona*, e muito menos a traducção de *Velloso*. Por conseguinte muito conviria que se-fizessem traducções d'algumas das obras mais acreditadas sobre Mineralogia, Geologia, e Metallurgia; ou melhor ainda, compilações das obras dos authores de melhor nota sobre cada um d'estes ramos; porque d'esta forma se-reuniriam os differentes termos technicos, que por ventura temos sobre estas materias, que não são muitos, e se-creariam outros novos, mas moldados por cunho portuguez; á vista dos rapidos progressos, que n'estes ultimos annos aquellas sciencias têem feito, se-torna d'extrema necessidade a sua creação.

Poderemos com tudo nutrir a lisongeira esperança de que em pouco tempo começará a generalisar-se o estudo das Sciencias Naturaes; pois que segundo as ultimas reformas, não só se-poderão estudar em Lisboa, Porto, e Coimbra, onde existem cadeiras destinadas ao ensino de cada um dos ramos, em que se-acham divididas; mas até em todas as capitaes dos Districtos Administrativos, quando os projectados Lyceus se-acharem organisados, e providas as cadeiras de — *Principios de Physica*, *Chimica*, *e Mechanica*, — e a de — *Principios de Historia Natural dos tres Reinos* — donde muito proveito tirará a agricultura nas Provincias.

Quantas riquezas, e maravilhas da natureza em Portugal não serão ignoradas, quando em resultado das poucas indagações, que se-tem feito, tantas maravilhas e riquezas se-hão encontrado? O que passamos a referir é uma d'essas maravilhas que até aqui jaziam encobertas, e que, se não pode ser considerada como outra gruta d'Antiparos, pelo menos o-deve ser como uma miniatura d'esse brinco da natureza, que tanta celebridade dá a uma das mais insignificantes ilhas das chamadas Cyclades.

« Na quinta denominada do *Minhoto*, a tres legoas « de Lisboa, na estrada que vai da Tala para Malha- « pão, e perto de Melessas, ha uma gruta com gran- « de numero d'estalactites, dividida por elles em tres « pequenas salas, cada uma das quaes tem uma com- « municação exterior, e todas uma interior, que pas- « sa pelo fundo; a do meio tem uma pequena escada « que vai para o pavimento superior, e mais uma cla- « raboia. A communicação exterior, ou entrada para « cada uma das salas, deita para uma varanda ou pe- « queno terrasso, sobranceiro a um lago, pois que tu- « do fica no meio d'um jardim. A quinta mostra-se a « qualquer pessoa, sem nenhuma difficuldade. «

Tal é a resumida noticia que nos-foi dada por pessoa que visitou esta gruta, e que fielmente transmittimos ao publico, tal qual nos-foi communicada, por serem objectos taes, que só podem ser descriptos por quem os-examina, convidando desde já as pessoas da visinhança a nos-darem mais circumstanciadas noticias sobre este interessante assumpto. *A. J. de Sousa.*

NOTICIAS.

HOLLANDA.

295 O Governo contrahíu um emprestimo de 7 milhões. O Principe Alexandre vai casar com a Princesa Clementina d'Orleans.

HAMBURGO.

296 No dia 9 do corrente chegou a *Cuxhaven* a Escuna Portugueza — *Alliança* — vinda da Madeira. E é o primeiro navio d'esta bandeira, que no porto entrou este anno.

INGLATERRA.

297 Peel soffreu a 11 uma pequena derrota, nos Communs, por occasião de uma petição contra a contribuição sobre as rendas.

O nosso Correspondente particular de Londres; — annuncia-nos que entre os *tropheos* que os Inglezes trouxeram da China, admira-se um *Extracto* de 450 volumes, d'uma Encyclopedia de 6000 volumes! Bem mostra ser coisa do *imperio Celeste*.

FRANÇA.

298 Varias folhas se-queixam da Inglaterra, por se-terem encontrado em poder dos Arabes d'Argel,

caixas d'armas e munições Inglezas — Continuam as conferencias Ministeriaes e Diplomaticas nas Tulherias. A Camara dos Deputados discute um projecto de modificação d'alguns artigos do Codigo Criminal. Fallase n'uma amnistia para o dia do nome do Rei.

HESPANHA.

299 Artigos importantes do *Morning Post*, e da *Gazetta d'Augsburgo* sobre o casamento da Rainha, tem dado lugar em todas as Folhas Hespanholas a uma polémica mui animada, cujo termo não é dado prever: Os pretensores são: — Um Principe de Baviera — O Duque d'Aumale — Um Archiduque d'Austria — O Duque de Cambridge — Um filho do Infante D. Francisco de Paula.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

300 *Diario do Governo de 21 de Abril.* — Relação dos dias que serão de gala. — Sobre os Juizes de Direito que se-ausentam das Comarcas.

De 22 Abril. — Começa a 4 Maio o pagamento dos juros das inscripções de 5 por cento vencidos no segundo semestre de 1841.

De 23 Abril. — Lucto de 8 dias pela morte do G. Duque de Schwerin. — Transferencia do Sr. *J. J. d'Almeida Moura Coutinho* da Relação dos *Açores* para a de *Lisboa.* — Methodo que deve seguir-se na arrecadação dos juros dos capitaes mutuados pelas extinctas corporações religiosas. — Discripção do baptismo do Duque de Beja.

De 25 Abril. — Felicitação da Universidade pelo nascimento do Infante. — Quando os importadores de vinhos do Reino declararem que o vinho que pertendem recolher nos seus armazens de retem é para reexportação, não se-lhes-exigirá os 100 reis de differença de direito de consumo, debaixo de certas condições.

De 26 Abril. — Postura da Camara sobre vendas a retalho feitas por nacionaes ou estrangeiros. — (Na parte não official. — Considerações sobre o commercio dos vinhos do Douro, e modo de o melhorar.)

De 27 Abril. — Beija-mão para o dia 29. — Juiz de Direito de *Mangualde* o Sr. *Antonio José de Moraes Pimentel.* — Abre-se por 40 dias o concurso ás duas Emprezas do Theatro Nacional Normal de Lisboa, e de S. João do Porto, mediante certas condições. — Sobre distribuição e adjudicação dos premios dramaticos.

UMA ERRATA IMPORTANTE.

301 No nosso artigo — *os tres ultimos dias de um sentenciado* — escapou em alguns exemplares, além de outros erros typographicos de menos monta, taes como, na pag. 348, col. 1.ª, lin. 3.ª — *quadrada* — em vez de — *gradada* — o seguinte, que importa rectificar. — A pag. 351, col. 2.ª, lin. 30, onde se lê — ..... *orgãos* — *o do homicidio ou destructividade, segundo a linguagem da arte, sobreleva a todos os outros.* — Lêa-se — ..... *orgãos* — *o do amor physico, e o do homicidio, ou destructividade, segundo a liguagem da arte, sobrelevam etc.* — Esta emenda é indispensavel para intelligencia da nota 10.ª, que sem ella ficaria sem sentido.

A ROSA D'OURO.

302 No dia 24 do corrente teve logar, com grande solemnidade, no Paço das Necessidades, a apresentação da *Rosa d'Ouro*, remettida por Sua Santidade á nossa Rainha, com um Breve onde se-lê que « esta flôr representa Jesus Christo e Sua Mãi, que « á maneira de rosa enche o ceo e a terra do cheiro « de angelica suavidade, para que tal Rosa seja para « estes Reinos precursora de toda a prosperidade, e « que nelles floreça e se-estenda a Religião. » Toda a Corte esteve presente a esta ceremonia que ha mais de tres seculos se não tinha repetido, e o Delegado do Summo Pontifice deve ter ficado satisfeito pelo accolhimento que lhe foi feito. A *Rosa d'Ouro* será collocada no Altar-mór da Real Capella, nos dias de grande solemnidade.

O POVO AINDA TEM FÉ, E MORAL.

303 A religião é o primeiro vinculo, que liga os homens entre si, é o unico fundamento solido, e estavel da sociedade, é a fonte de todas as virtudes reaes: cabe logo a um jornal, como a Revista Universal, que só olha para o bem publico da nação, o dar publicidade a um facto, que bem prova, que este povo ainda conserva os sentimentos religiosos, a piedade, a devoção; que é ainda bem inclinado para a santidade, e boa moral da religião christã, e que só lhe-falta quem o-instrua, e doutrine — faltam pastores, e mestres com a devida sciencia, e missão, que o seu ministério requer. Este povo portuguez no meio dos conflitos, e desmanchos da triste epocha, que vai passando, em geral o-podemos affirmar, não tem perdido a fé, e a moral, antes parece n'ella mais firme, e aferrado: e se um, ou outro caso apparece do contagio da pseudo *philosophia*, e de immoralidade, não é prova de que vá esfriando a religião, mas sim da falta de doutrina, e do repetido ensino, que é mister para persuadir, e fundamentar as virtudes em almas rudes, e corações duros. Exemplos d'esta boa inclinação temos nós todos os dias, em todas as classes, e em quasi todos os individuos: todos acodem ao brado dos seus pastores, e a ouvir suas praticas. O facto, que nos-suggerio estas considerações, bem o-está mostrando. Corria o Bispo de Bragança algumas terras do Bispado de Leiria visitando as freguezias, e chrismando n'ellas os fieis, que para esse fim concorriam de varias partes: como se-ia espalhando a noticia do quando, e aonde havia de chegar, era tão grande o concurso, que acudia, enchendo as estradas, e as ruas que fazia lembrar as antigas romarias, e peregrinações. Não tinha o bom prelado descanço: por onde caminhava ahi começava a carregar uma multidão infinita. Foi particularmente na freguezia de Nossa Senhora dos Milagres, que todos se-viram pasmados á vista do grandissimo numero dos concurrentes, vindo uns para serem confirmados na fé por meio do Sacramento da chrisma, que pediam com edificante piedade, e grande desejo; outros para verem, e ouvirem o seu pastor, e todos tão cheios de santa alegria, que lhes-tresbordava pelos rostos, e pelos olhos em lagrimas de consolação. Não houve ahi mãos a medir: todos os dias chegavam, e de muito longe por caminhos agros, e detençosos, cortados de frio, e de fadiga, um sem numero de pessoas de todas as idades e condições: apinhavam-se á porta do templo, que com ser largo, e magestoso, estava sempre cheio: em fim foi coisa nunca vista, e que não se-pode explicar. — Daqui bem se-está conhecendo a necessidade de acudir a um povo tão bem disposto para ser doutrinado. Estas impressões religiosas são, e dizem mais, do que muitos philosophos e politicos julgam; e valem na formação dos costumes, e na civilisação em geral infinitamente mais que os seus discursos, e theorias. Nós esperamos, que, tiradas certas difficuldades sem quebra da dignidade nacional, o governo desembaraçadamente fará repetir estas visitações tão importantes para a criação moral dos povos, por todos os logares do reino, e muito confiamos no bom resultado. *Felix Baptista Pereira*

CARRAPATOS.

304 Do *Constitucional* trasladamos o seguinte. — Na maré da tarde de sexta feira appareceu na borda d'agua, em Belem, uma grande porção de carrapatos (dos de que se-extrahe o oleo de mamona) e andando umas poucas de creanças pequenas pela dita praia, começaram a apanha-los, e a comer, e logo passaram a dar novas a uma immensidade de creanças (filhos dos varinos, ou ilhavos) que logo vieram ao reclamo, e apanharam, e começaram a comer, do que resultou acharem-se inda hoje 16 de cama com grandes agonias, vomitos e desenteria, receando-se-lhes a morte em consequencia dos pais pela maior parte serem pobres.

INCRIVEL ATROCIDADE.

305 Nos arrabaldes da villa da Covilhã vivia um moleiro, chamado Antonio Corrêa, com sua mulher e tres filhinhos, sendo o mais velho apenas de cinco annos. A infeliz, e santa mulher, que esta era a reputação, de que sempre gozou em sua penitente e trabalhada vida, não só acudia com o desvelo de mãi ao trato, e educação de seus innocentes filhinhos, ao governo, e lida de sua casa; mas ainda ao pesado trafegar, e a quasi todo trabalho do moinho; que não havia de portas a dentro quem desse alguma ajuda a tão aturada e laboriosa vida, que a infeliz levava com toda a paciencia e fortaleza; senão que o proprio marido a isso se-recusava fugindo ao trabalho, e lançando tudo por assinte e perversidade d'alma ás costas da mulher, como quem a-desejava ver morta com tanto trabalhar: mas parecia que a mão de Deos a-confortava dobrando-lhe os animos, e as forças para que a tudo chegassem, e não desfalecessem com tão consumidora lida, em que noite e dia se-afadigava sem descanço. Sentia o malvado não lograr já o seu intento: tardava-lhe o ver morta sua companheira; e em redor os illudidos meninos abraçados com um cadaver em vez de mãi, beijando-o ainda entre os acostumados requebros e respirando o vapor da morte, e da corrupção, em vez do bafo materno, que lhes-déra vida. Pôde o monstro conceber plano tão perverso, para que não ha instincto brutal, nem atroz que seja bastante — e para mais ainda tem coração o feroz bruto — vai pratical-o! Entra de noite em casa; cerra a porta: toma a tranca, arremette contra a virtuosa mulher, que ainda velava, ainda trabalhava lavando a pobre louça, em que concertára, e repartira a cêa dos filhinhos, descarrega-lhe sobre a cabeça terriveis golpes, com que a-mata barbara, e cruelmente: toma-a depois pelos cabellos, e arrastando-a pelo chão, a-conduz até á alcova: lança o corpo na cama, e junto delle põe os filhos, ameaçando de iguaes tormentos o mais velho, para que diga, quando seja inquerido, que tudo procedêra d'uma queda. — Como os-sente dormidos, abala d'alli, torna a serrar a porta, larga a casa, e como féra se-lança a monte. Era já alto dia, e não se-sentia no moinho o trabalho do costume: assustam-se os visinhos, aproximam-se delle, e ouvem os choros das innocentes creaturas, que debalde bradam por sua mãi; levam d'encontro a porta, e entram em casa — enchem-se de horror á vista do lastimoso espectaculo: dão parte á Justiça, que logo vem tomar fé, e conhecer do delicto. É interrogado o mais velho dos meninos; e dá miuda conta de tudo que passou naquella noite; de como o scelerado monstro matára sua mulher, a-levara para a alcova, que era casa assobradada, a-mettera na cama, e em redor fizera deitar, e adormecera os tres filhinhos. — Na vistoria em que a justiça procedeu, se-conheceu, que estava gravida; é chamado facultativo, e extrahe uma menina de cinco mezes. — Quem poderá descrever o horror de tamanha atrocidade? Faltam por certo as expressões, e as negras côres, com que possa ser representado; porque taes attentados, e tão repetidos, como os-estamos vendo enlutar de continuo as paginas dos nossos jornaes, passam muito além do alcance da comprehensão, do coração, e da imaginativa humana. Não nos-faltarão, se nos Deos ajudar, as forças para clamar, e clamar muito alto contra a immoralidade, e falta d'instrucção religiosa, que por ahi vai. Pregue-se por toda a parte o Evangelho, ensine-se a doutrina christã a moços e velhos, que a-aprendam uns, e não a-esqueçam outros: ministre-se a instrucção necessaria ao clero, e não se-commetta a educação, o pasto espiritual dos povos a quem não tem nem sciencia, nem espirito; a esses leigos dos extinctos conventos, a esses idiotas, que se-vão ordenando contra os canones da Igreja: estes e outros que taes, que por nossa desgraça não nos-faltam por todo o reino, não são os que podem desempenhar tão alta, e tão necessaria missão. O mal é grande e requer outros medicos, e outros remedios.

PAPEL DE FOLHAS DE MILHO.

306 M. Ho. de Pariz inventou o meio de fabricar papel de escrever e imprimir de folhas de milheiros. Já contractou com o Jornal dos Debates para lhe-fazer 40,000 resmas por anno, a 800 reis por arroba de folhas.

EM BOTÃO!

307 No dia 21 do corrente á esquina da rua da Horta Sêcca para a das Flores, amanheceu morta, deitada n'uma cova aberta junto á parede pela falta de algumas pedras da calçada, uma recem-nascidinha, gorda, forte, e com lindo cabello. Parece haverem-na affogado mettendo-lhe na boca uma rolha de trapos, que ainda conservava; o seu envoltorio era um pano de cosinha, roto, negro, immundo: o pano tinha n'uma das pontas a marca — J. M.: — esta circumstancia, e o sitio do achado, poderão talvez encaminhar a justiça nas rigorosas investigações, que sobre tão horrivel attentado lhe-cumpre fazer.

OUTRA CRIANÇA MORTA.

308 Este dia foi fatal para as crianças. Encontrou-se igualmente outra morta na igreja do Sacramento, porém, ainda que se não possa conceber como alli foi depositada, reconheceu-se que não havia sido morta violentamente.

SUICIDIO.

309 Os suicidios repetem-se com deploravel frequencia, e mal haja o espirito de imitação que até praga tal enxertou em nossas terras. Esta epidemia grassa por todas as classes da sociedade, e carece do prompto remedio que esperam tantos outros resultados negros da nossa organisação actual, no que toca a moral, religião, e noções do legitimo e do justo.

Na rua nova do Almada n.º 97, 3.º andar, tendo no dia 24 do corrente os donos da casa dado pela prolongada falta de um creado, mandaram ver se dormiria. Acha-se a porta do quarto fexada — a chave por dentro — batem, silencio — redobram as pancadas, e nenhuma voz responde! Arrombada a porta, um lastimoso quadro se-apresenta: junto ao quasi inanimado corpo jaz a navalha de barba com que o desgraçado attentara contra si, sem que apesar da funesta resolução, das dores agudissimas, nem da proximidade da morte, soltasse um gemido que houvesse denunciado aquelle acto de alienação. Suppõe-se que succumbiria no hospital, para onde logo foi transferido.

OUTRO ASSASSINIO.

310 Um nosso correspondente da Covilhã nos-diz, que constava haver sido morto a pedradas um homem no dia 13 deste mez na povoação do Barco, limite daquella villa. Lamenta-se da immoralidade, que vai lavrando por toda a parte, e discorre ácerca da impossibilidade, em que os Jurados se-acham para julgarem acertada, e livremente dos malfeitores, que de continuo se-lhes-apresentam; chegando a ponto de darem por absolvidos criminosos de mortes sem embargo das testemunhas de vista, que os-condemnam. Não haverá remedio contra tão grande mal?

MASCARADA HORRIVEL.

311 Transcrevemos litteralmente a seguinte carta do nosso correspondente particular de Vagos, de 19 de Abril: — Seriam 9 horas da noite do dia 9 do corrente: *Luiz Rodrigues*, do logar dos *Moutinhos*, dafreguezia d'*Ilhavo*, estava ceando com sua mulher, 2 filhos ainda menores, e uma criada, para depois ir descançar dos trabalhos da lavoura, quando abrindo a sua porta para lançar para o pateo o seu vigia (um cão) é accomettido por um bando de ladrões: mesmo á porta

é lançado por terra e emquanto 4 malvados atacam na lareira a familia indefesa, o seu Chefe é esmagado, moido com pancadas e deixado por morto. Está cercada a casa pelo resto da quadrilha, e os 6 mascarados (mas que foram conhecidos) entram no espolio: requerem da mulher todo o dinheiro, pois tinha fama de ôter: desculpa-se ella com o marido, porém este já não fallava. Cavam toda a casa, mas nada encontram. Emquanto andam n'esta diligencia, a criada, vendo uns botões d'ouro no colar da filha de sua ama, lh'os-tira a furto e os-esconde na prateleira; mas a innocente não tirava os olhos do sitio aonde estavam os seus botões, o que visto pelos ladrões, julgando estar no forro da cozinha o que anciosos buscavam, entram com uma foice a demoli-lo. Com effeito não se-enganaram; á segunda taboa cae abaixo uma infusa cheia de cruzados novos e de patacas hespanholas, uma lata cheia de peças em ouro, e outra com cordões, gargantilhas, e outros enfeites d'ouro, tudo na importancia de 700$ a 800$000 rs. Em um instante perde este lavrador a herança de seus Paes, e o que com tanto suor tinha agenciado, faltando ao preciso para a sua familia, só para o-poupar. Retiraram-se depois os malfeitores, ameaçando morte se os-descobrissem. A justiça prendeu a roubada para os-delatar; veremos o que acontece.

P. S. O roubado não morreu, mas está mui mal tratado.

LAMENTAVEL DESCUIDO.

312 Na villa de *Loulé* no *Algarve* em as logeas das casas do proprietario *Francisco de Paula Drago* morava uma mulher chamada *Antonia*; e notando os visinhos, que eram já passadas muitas horas do dia, sem que se-abrisse a porta, nem se desse fé de coisa viva em casa, deram disto parte á competente authoridade; a qual sendo logo vinda, e conhecendo, que a porta era fechada por dentro; mas que não havia alli quem acudisse ao bom bater, e muito bradar; assentou que algum mau acontecimento destes do tempo fôra causa da novidade. Mandou que fosse a porta arrombada: entra, e encontra morta a dona da casa, e dois hospedes, a quem dera gasalhado n'aquella noute, *José do Outeiro*, casado, e *Vicente*, moço de quinze annos. Já se-julgavam mortos de veneno, quando examinando bem a caza encontraram tambem mortos um cão, e um gato, e restos, ou as cinzas de grande porção de carvão d'urze, que havendo ardido por algum descuido causára aquelle desastre, abafando tudo que alli era vivo. Veio logo o Dr. *Luciano Lopes Pereira*: porém era tarde para que podessem valer diligencias, e esforços da medicina. Não houve maior incendio, por ser a casa abobadada, e não haver nella por onde as chammas se communicassem. Ainda alli se sentia um excessivo calor, e tal destempero no ar, que não se-podia soffrer. *J. J. J.*

UM TUMULO.

313 Do *Portugal Velho* de 22 do corrente traslladamos o seguinte — *Um tumulo portuguez na China.* — Onde irão os degenerados portuguezes de hoje que não achem provas das fadigas de seus maiores?! Que mal perdidos exemplos!... De que deixaremos nós provas aos nossos vindouros?!...

Em um papel inglez de Cantão faz-se menção d'uma correspondencia da Ilha de Koolongsoo que refere que no lado da Ilha opposta a Amoy, se achou uma pedra sepulcral, levantada, e com tres cruzes na parte superior; promette mandar a inscripção na Carta seguinte, porque é trabalhoso o entendel-a, por estar a pedra coberta de musgo.

AS DUAS LINGUAS.

314 Desejosos de espalhar a verdade, e só a verdade, rectificaremos sem repugnancia uma inexactidão, em que involuntariamente nos-fizeram caír em o nosso artigo 253. A *menina*, que se dizia haver nascido com duas linguas, não tinha em realidade mais do que uma pequena excrescencia carnosa por debaixo da sua lingua natural: a parteira não lh'a cortou; applicaram-lhe remedio para lh'a consumir, e produziu seu effeito. Não admira que em *Lisboa* corresse acreditada mais esta mentira, quando na propria aldêa, que mal contará meio cento de *fogos*, foi unanimemente recebida, e de lá nos-veio em primeira mão. Ainda bem que foi fábula. Deos prospere e multiplique na terra todas as producções, menos as d'aquelle genero.

NOTICIAS DA ILHA TERCEIRA.

315 Recebemos o *Angrense* e o *Iris da Terceira* até 9 do corrente; este ultimo jornal finda com o n.º 201. Do *Angrense* colhemos o seguinte:

O caes da cidade, destruido pela tempestade de 5 Dezembro 1839, resurgiu mais elegante e bello: o digno Governador civil, Sr. *José Silvestre Ribeiro*, o-inaugurou no dia dos annos da Rainha, com grande pompa.

Aquella Folha menciona os seguintes abusos que requerem providencias — 1.º Ha na villa da Praia um hospital de Lazaros, com regimento approvado por El-Rei, e em que manda separar os homens das mulheres. Ha annos porém que alli existiam uns e outros enfermos, em casa propria, que se acha devoluta, e os doentes vivem nas lojas da Misericordia — 2.º Os leprosos andam pela cidade esmolando, sem que as authoridades os-façam recolher ao respectivo hospital — 3.º Algumas Mesas da Misericordia d'aquelle Districto fecham as portas aos pobres que não são dos seus Concelhos, o que é prohibido por lei — 4.º Os barbeiros das freguezias ruraes arvoraram-se em Medicos, e vão dando cabo da população, o que chamará sem dúvida a attenção do Conselho de Saude.

NOTICIAS DA MADEIRA.

316 Recebemos o *Defensor* até 16 do corrente, e eis-aqui o que traz mais importante:

Tinha-se receado muito que as sêccas matassem as searas, mas afinal foram salvadas pela chuva. — Trabalha-se com ardor no cemiterio de S. Gonçalo — Achara-se morto ha mais de um anno, no fundo da Ribeira do Torreão um rapaz que haviam lançado do muro abaixo: um soldado d'infanteria 11 fôra accusado d'este crime, julgado e sentenciado a degredo para a India, para onde partiu. Ha dias morreu um homem que, na hora extrema, confessou ter elle commettido o acto porque um innocente foi castigado — Já tem tocado no Funchal os Vapôres das Antilhas, que de Falmouth sáem a 3 e 17 de cada mez para Antigua, Bar-

bados, Honduras, Bermuda, Hayti, Carthagena, Pacífico, Charleston, Demerara, Fayal, Guadalupa, Halifax, Havana, Jamaica, La Guayra, Madeira, Martinica, Nova Orleans, Nova Yorck, Porto Rico, Puerto Cabello, Santiago de Cuba, S. Thomás, Surinam, Tampico, Trinidad, Vera Cruz, etc. O *Trent*, o primeiro d'estes Vapôres, chegou á Madeira a 13 do passado, demorou-se algumas horas e dispendeu mais de 300$ réis em refrescos. — Tal tem sido a mortandade que tem tido logar entre os Madeirenses em Demerara e entre os Europeos que tem ido para Jamaica e outras Ilhas inglezas, que os proprios habitantes d'aquelles logares confessão: que não só não faz conta fazer as despezas da importação dos emigrados, mas que mandal-os ir é crime de assassinamento!!

OS PURITANOS DA AMERICA.

Romance de M. J. Fenimore Cooper.

317 Corre já impresso o 1.º tomo da traducção portugueza deste Romance, e brevemente sairá o 2.º — Em um paiz, e neste seculo tão romantico não é necessario recommendar, senão inculcar, taes escriptos. O que nós louvamos, e agradecemos ao modesto Traductor é o bom acerto, com que escolheu este decente meio de entreter, e por ventura de instruir os seus leitores: por certo que ha nesta escolha uma probidade, e um pensar, que desejáramos persuadir e ensinar a esses traficantes de Novellas, e Romances, (se de bom pensar, e de tal ensino elles ainda são capazes.) Contra este infame trafico de immundicias; contra tal peçonha, com que nos-matam a innocencia, e a moral, é mister formar Conselho de Saude Publica, que declare empestadas as mercadorias immoraes e impias, que despejadamente nos-estão mettendo em nossa terra, e em nossas casas estes *traduzidores*: nem fique só na fazenda a sentença, sejam elles tambem condemnados no desprezo, e na infamia de corruptores dos bons costumes. *C. M. F. J.*

318 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 20 ATÉ 26 DE ABRIL DE 1842.

Dias do mez	Termometro exterior Min.º	Termometro exterior Max.º	Barometro 9 h. m.	Barometro 3 h. t.	Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Atmosfera.
20	49	64	756,2	756,3		O ¹NO	Claro e nuvens —: fresco.
21	45	68	57,1	54,3		V O	Id. Id.
22	50	69	50,5	51,7		SO ¹NO	Id. — Claro — Norte cl.º e sereno.
23	46	65	55,7	56,0		SO ¹O	Cl.º e alg.s nuv.os — Cl.º — Id.
24	48	69	58,5	58,5		O ²SO	Cob.º e cl.os — Cob., e ar humido.
25	55	69	58,5	58,3	2	¹SO²	Nevoeiro de mad. e chovisco — Cob.º, poucos cl.os, e chuviscos.
26	56	71	58,0	57,6		¹SO²	Cob.º e claros — Coberto —: Tepido e humido.

Terminou a 19 do corrente a rigorosa e prolongada influencia da primeira quadra deste mez, com a trovoada que se formou ao norte da cidade, a qual fez a sua explosão sobre a Porcalhota e suas visinhanças, lançando copiosa saraiva. — Seguiu-se a segunda, de quatro dias frios nas madrugadas e noutes, porém temperados na presença do sol, com o ar um pouco humido, e o ceo claro alternando com nuvens, e ventos variaveis, que de tarde sopravam do mar. A 24 cessou a sua influencia, transformando-se na terceira quadra, que ora predomina, tépida e humida com alguns chuviscos, e nevoeiros matutinos, soprando vento de sudoeste.

M. M. Franzini.

CORREIO DAS DAMAS.

319 Publicou-se o n.º 4 do tomo 5.º deste lindo jornal de toucador: — mez de Abril: — além das modas actuaes para ambos os sexos, graciosamente, segundo seu costume, desenhadas e pintadas, traz os seguintes artigos. — Scena nocturna n'um convento — O finado supposto — Rogativa singular — Kenilworth, Novella de W. Scott, traduzida pelo Sr. *A. J. Ramalho e Sousa* — A rosa de ouro — Charadas — Aviso.

BIBLIOGRAPHIA ALLEMÃ.

320 Poesias de Smets.
Poesias de Lenau.
Os Vibelungos (poema heroico antigo), commentados por Pfizer.
Demosthenes, drama de Messenhauser.
Historia da musica moderna, por Schilling.
Dom Fernando (VII) Rei d'Hespanha, por Belani.
Dom Carlos, pretendente d'Hespanha, por Belani.
Obras completas de Spinosa, traduzidas do latim por Accerbach.
Encyclopedia de Aesthetica por Hebenstreit.
Fragmentos sobre o conhecimento da philosophia moderna, por Fichte (filho do philosopho bem conhecido.)
Taboas synchronicas da historia da litteratura allemã, por Eitner.
Chronica do seculo decimo-nono, por Benicken.
Diario da sociedade dos antiquarios de Zurich.
Archivos da historia de Livland, Esthland e Curland, por Bunge.
Historia de Roma, por Drumann.
Manual da estatistica geral da Europa, por Schubert.
Historia da guerra de trinta annos, por Mevold.
Descripção da cidade de Roma por Platner, Bunsen, Gerhasd, Rostele e Wrichs — tomo 3.º
Almanach historico-genealogico do anno 1842.
Sobre as guerras da Europa desde 1792 até 1815 por Kausler e Woesl.
Christina, rainha de Suecia, por Grauert.
Historia do reino de Wurtemberg, por Haelin.
Recordações d'Hespanha, por Liehnowsky.
Historia dos allemães, por Menzel, edicção 3.ª
Commentarios sobre a lei Salica etc. por Muller.
Viagem á Guiana e ao Orinoco por Schomburgk. (esta obra é acompanhada d'uma dissertação de Alexandre de Humboldt sobre a geographia da Guiana.)
Viagens á America, por Beyer e Koch.
Diario da geographia comparativa, por Ludde.
Bibliotheca da cosmologia novissima, por Maltens.
Cancioneiro de Ali de Ispahan, com notas de Kosegarten.

Na Imprensa Nacional.